

Radiojornalismo e Linguagem: as transformações nos modelos de rádio informativo

Juliana Cristina Gobbi BETTI

Mestranda em Jornalismo

UFSC - Universidade Federal de Santa Catarina - Santa Catarina

jubetti@terra.com.br / ju.gobbi@yahoo.com.br

Resumo

As características da linguagem radiofônica, principalmente do radiojornalismo, se modificaram ao longo dos anos pelas evoluções tecnológicas, questões políticas e disputa de mercado. Assim, buscando contribuir para o entendimento destas transformações, este trabalho pretende discutir os aportes mais relevantes do desenvolvimento da linguagem e dos gêneros e formatos da notícia e da programação, destacando as mediações tecnológicas que influenciaram diretamente os processos de produção da notícia. Para isso utilizamos como referencial as teorias da linguagem radiofônica, os estudos sobre a história do rádio e do radiojornalismo. Entre os acertos e desacertos da importação e criação destes modelos, podemos concluir que o maior desafio do rádio informativo ainda é explorar melhor os recursos que advêm das inovações tecnológicas, acompanhando a modificação nos hábitos de consumo dos meios, sem perder sua identidade, principalmente com a implantação da tecnologia digital.

Palavras-Chave: Desenvolvimento do Radiojornalismo, Linguagem Radiofônica, Mediação Tecnológica no Rádio Informativo

Introdução

Apesar de todos os seus problemas, o rádio sempre reagiu e agora, mais uma vez, não deixa de mostrar sinais de seu renascimento, procurando caminhos para corrigir suas distorções. Mas a distância entre a realidade de nosso rádio e o que ele poderia ou deveria ser é muito grande (ORTRIWANO, 1987). A frase escrita há mais de vinte anos na apresentação do livro *Radiojornalismo no Brasil*¹ não poderia parecer mais atual. Embora alguns temas que hoje estão entre as preocupações dos pesquisadores, ainda não estivessem contemplados no citado estudo, como a convergência dos meios de comunicação, os processos de digitalização, a influência da internet nas rotinas de produção e na estrutura dos conteúdos e o aumento vertiginoso no número de rádios comunitárias.

¹ ORTRIWANO, Gisela Swetlana (org.). **Radiojornalismo no Brasil:** dez estudos regionais. São Paulo: Com-Arte, 1987.

A transmissão radiofônica no Brasil, desde sua primeira demonstração pública, em 1922, vem passando por diferentes processos de evolução. Alguns mais marcantes ou mais perceptíveis que outros, pela influência que exerceram sobre a programação ou linguagem do rádio. Entre estes, vale incluir a segmentação do conteúdo e a experimentação estética como processos de desenvolvimento contínuos.

Apesar das mais de oito décadas de existência e de sua importância para as sociedades, os apontamentos bibliográficos denunciam que é pequeno o número de estudos que concentram seu foco neste veículo de comunicação². Quando tratamos das especificidades comunicativas, os dados são ainda mais alarmantes, por exemplo, é inexpressiva a quantidade de investigações que se priorizam a linguagem no radiojornalismo ou aquelas que tratam da estrutura da notícia. Para Meditsch (1995)

(...) não produzimos quase nenhum conhecimento a respeito da linguagem do rádio, e sequer traduzimos o que o resto do mundo produziu. Estamos fora do diálogo acadêmico internacional sobre este tema. O conhecimento técnico indispensável ao exercício profissional é socializado predominantemente de uma forma pré-letrada, típica das sociedades primitivas: aprendemos na prática com os mais experientes, esses quando morrem levam para o túmulo os seus conhecimentos, os novos recomeçam do zero, nada se acumula, muito pouco evolui. (MEDITSCH, 1995, p. 1)

Assim, buscando contribuir para o entendimento das principais transformações ocorridas no radiojornalismo temos por objetivo central desta pesquisa demonstrar o seu desenvolvimento, discutindo os aportes mais relevantes com referência ao seu surgimento, a linguagem utilizada, os gêneros e os formatos da notícia e da programação, bem como as mediações tecnológicas que o influenciaram.

Linguagem Radiofônica

Balsebre (2005, p. 327) afirma que “(...) existe linguagem quando tem-se um conjunto sistemático de signos que permite certo tipo de comunicação”. Linguagem, esta,

² Segundo Jackes (2006, p. 8) apenas 3% das 1769 pesquisas apresentadas nos Programas de Pós-Graduação em Comunicação durante a década de 90 tiveram o rádio como objeto de estudo.

que no caso do rádio ele define como “(...) o conjunto de formas sonoras e não sonoras representadas pelos sistemas expressivos da palavra, da música, dos efeitos sonoros e do silêncio, cuja significação vem determinada pelo conjunto de recursos técnicos / expressivos da reprodução sonora e o conjunto de fatores que caracterizam o processo de percepção sonora e imaginativo-visual dos ouvintes” (2005, p. 329).

No entanto, esta definição não distingue entre as linguagens do rádio e da fonografia. E sobre a linguagem do rádio Meditsch (1995) explica que

(...) o que a distingue é que ela não existe na realidade enquanto dada, existe apenas dando-se como discurso. Seja transmitindo em direto, seja transmitindo em diferido um produto fonográfico que assim atualiza, ou ainda combinando estes dois elementos, como normalmente o faz, o rádio transmite sempre no presente individual do seu ouvinte e no presente social em que está inserido, ou seja, num contexto intersubjetivo compartilhado entre emissor e receptor: num tempo real. Ao contrário, na fonografia, como no cinema, emissor e receptor estão separados pelo tempo e o contexto não é compartilhado por eles. (MEDITSCH, 1995, p. 8)

Concluindo então que a linguagem radiofônica é a “(...) composição sonora invisível da palavra, música, ruído e silêncio, enunciada em tempo real” (MEDITSCH, 1999, p. 127).

Além da contribuição na determinação da importância do fator tempo na linguagem, outro ponto merece destaque na fala de Meditsch, a análise da linguagem enquanto discurso. Entendemos que analisar a linguagem radiofônica sob esta perspectiva nos permite entendê-la de uma maneira mais ampla, levando em conta a forma, o conteúdo e a intenção, ou seja, como, o quê e por que.

Avançando na conceituação do discurso radiofônico Haye (2005, p. 349) vai defini-lo como “(...) uma totalidade significativa (conteúdos + formas), apoiada exclusivamente em elementos sensoriais de caráter auditivo, distribuído em séries informacionais lingüísticas (palavras), para-lingüísticas (ambientação, timbres) e não-

lingüísticas (ruídos), articuladas em audições e horários, tal como estabelece sua infraestrutura material temporal”. Afirmando também “(...) que esse todo de significação constrói uma relação de intercâmbio e negociação de sentidos entre sujeitos”.

Apesar de se aproximar do que seria a linguagem cotidiana e popular, utilizada na comunicação interpessoal, a produção radiofônica é cercada de técnicas, que consideram e valorizam as características do meio, como o imediatismo, a interatividade, o largo alcance e a possibilidade de transmissão em alta velocidade, entre outras. Particularidades que determinam também o ideal de uma linguagem específica ao radiojornalismo, planejada e estruturada ainda que pareça natural.

A preocupação com a naturalidade surge marcada pelos avanços tecnológicos, imposições políticas e estratégias de mercado, bem como com pela necessidade de superação da simples adaptação do jornalismo impresso à uma forma sonora sem recursos visuais.

Para Arnheim (2005, pp. 62-64) “(...) a essência do rádio consiste em oferecer a totalidade somente por meio sonoro”, embora aceite que sem o apoio de materiais visuais “(...) torna-se uma grande tentação para o ouvinte completar com sua própria imaginação o que está faltando tão claramente na transmissão radiofônica”. Contudo, o autor afirma ainda que “(...) se a obra demanda tal suplementação é porque é ruim, não alcançou seus objetivos por seus próprios meios, teve efeito incompleto”.

A linguagem ideal aos produtos radiofônicos deve facilitar o entendimento da informação, visto que além da falta de recursos visuais ou tecnológicos que nos permitam verificar novamente ou tentar entender o que nos foi dito, são determinantes também o caráter heterogêneo da audiência e seus hábitos de consumo.

Entre os produtos radiofônicos podem existir diferenças nas características da linguagem, mesmo entre um mesmo produto elaborado para diferentes emissoras. Para nós interessa essencialmente a linguagem utilizada no radiojornalismo, independente das especificidades da emissora neste primeiro momento.

Evolução da linguagem no radiojornalismo brasileiro

Em seus primeiros anos a transmissão de notícias pelo rádio consistia na leitura de textos de jornais, sempre da forma mais fiel possível, não haviam adaptações ou reescritas. Meditsch (2001, p. 182) comenta que os “(...) títulos quase gritados, com artigos suprimidos e a idéia de uma *paginação* rígida com seções fixas e *espaços* limitados por assunto, originam-se neste esforço de transposição fiel da experiência gráfica através do *jornal falado*”. As principais causas desta inadequada linguagem eram as faltas de experiência, profissionalização, investimento e principalmente conhecimento das potencialidades do meio.

Apesar das dificuldades financeiras para sua manutenção os clubes ou sociedades começam, ainda nos anos 20, a se espalhar. Nestes primeiros anos o rádio atuava somente como transmissor de conteúdo aproveitando o material produzido para outros meios. Ouviam-se palestras, conferências, recitais de poesia ou leitura de livros, além das óperas e concertos. Os horários de transmissão eram irregulares na maior parte das emissoras. Bahia (1990, p. 200) afirma que “(...) a notícia ganha expressão própria ao microfone em 1932, com o Movimento Constitucionalista de São Paulo, a mais significativa contestação armada à revolução de 30”.

Ainda sobre as mudanças neste início de década Costella (2001, p. 182) comenta que “(...) a linguagem radiofônica, aos poucos, vai sendo aprendida e, mais coloquial, mais direta, de entendimento fácil, começa a invadir todas as emissões, dos noticiários jornalísticos ao primeiro teatro radiofônico (...)”

A profissionalização veio após o Decreto nº. 21.111, de 1º de março de 1932, que permitia a veiculação de mensagens publicitárias. As emissoras passaram a se organizar como empresas e arrecadar capital além dos investimentos dos sócios ou donos. Oliveira (2006, p. 44) salienta que com esta liberação surgem os programas patrocinados, “(...) essas atrações eram revendidas em forma de patrocínio, no princípio, para o comércio local”. A publicidade e profissionalização trouxeram ainda a segmentação dos conteúdos transmitidos, em alguns casos com a criação de equipes especializadas para a realização determinados programas, em outros concentrando toda a programação.

A evolução acontece lentamente com o desenvolvimento de um estilo de textos próprio e o abandono da leitura seca dos jornais impressos. Baumworcel (2001, p. 109) divide em três momentos históricos as transformações essenciais na linguagem,

a) Década de 1940 – As regras e o modelo norte-americano.

A informação ganha espaço e importância em meio a Segunda Guerra Mundial, e o rádio destaca-se pela agilidade, rapidez e potencial para atingir as massas. Neste contexto, em 28 de agosto de 1941 chega ao Brasil o Repórter Esso, criado pela UP (United Press)³ e patrocinado pela Standard Oil. Inicialmente era transmitido apenas na *Rádio Nacional do Rio de Janeiro* pelo locutor Herom Domingues, mas logo passou a ser retransmitido em São Paulo, Porto Alegre, Recife e Belo Horizonte e imitado por diversas outras emissoras.

As notícias, enviadas pela UP, moldaram o radiojornalismo brasileiro à forma norte-americana. A produção e a seleção das notícias seguiam as orientações do manual intitulado de *Instruções básicas para a produção do Repórter Esso no rádio: orientação geral e sugestões para as estações de rádio, locutores e a United Press*, inspirado no *Manual Radionoticioso de la United Press en America Latina*, editado em 1944 (Klöckner, 2006, p. 3). O uso de frases curtas e linguagem simples estavam entre as características das notícias que deveriam ser observadas. Outro diferencial está na periodicidade, com cinco edições diárias o *Repórter Esso* estabelece horários e ajuda a construir o hábito de recepção no ouvinte.

Ainda nesta década, outros marcos do radiojornalismo foram o *Grande Jornal Falado Tupi* e o *Matutino Tupi*, criados respectivamente em 1942 e 1946. Transmitidos pela *Rádio Tupi de São Paulo*, emissora propriedade de Assis Chateaubriand.

Para Ortriwano (1990, p.80) “(...) o Repórter Esso e o Grande Jornal Falado Tupi foram os primeiros no Brasil, a mostrar preocupação quanto a uma linguagem específica para o rádio, procurando elaborar a notícia de forma a atender as características do meio radiofônico e não do jornalismo impresso (...)”.

³ Em 1958, após sua união com a INS – International News Service a UP viria a se transformar em UPI – United Press International.

Paralelo a estas iniciativas está o desenvolvimento tecnológico, que neste período possibilita as primeiras gravações magnéticas, permitindo a edição de sons, embora a interrupção do registro dificulte o processo, como afirma Klöckner (2006). O autor coloca também que “a miniaturização dos equipamentos de externas, estimulada pela invenção do transistor em 1947, leva o rádio para as ruas em busca da notícia” (KLÖCKNER, 2006 p. 79).

Alguns anos depois, em 1954, a rádio Bandeirantes inovou a estrutura da programação inserindo notícias com um minuto de duração em intervalos de quinze minutos e boletins de três minutos nas horas cheias (ORTRIWANO, 1990, p.82). Ainda nesta década, a chegada e desenvolvimento da televisão finalizam os “anos dourados” do rádio no Brasil. Os produtos radiofônicos e seu *cast* migram para esta nova mídia, que antes de conseguir definir sua identidade se aproveita dos produtos já existentes. Segundo Moreira (2000, p.40) a televisão coloca-se como “o rádio com imagem”, deixando como desafio a criação de alternativas inovadoras e financeiramente viáveis.

b) Década de 1960 - O gênero informativo como alternativa à concorrência da TV

Buscando novos caminhos o rádio “aprendeu a trocar os astros e estrelas por discos e fitas gravadas, as novelas pelas notícias e as brincadeiras de auditório pelos serviços de utilidade pública. Foi se encaminhando no sentido de atender as necessidades regionais, principalmente ao nível de informação. Começa a acentuar-se a especialização das emissoras, procurando cada uma delas um público específico” (ORTRIWANO, 1985, pp.21-22).

A necessidade de uma linguagem que aproveitasse as características do rádio, como agilidade e a versatilidade, e superasse a falta de imagem, torna-se cada vez mais evidente. Os hábitos de consumo se modificam, e o rádio não conta mais com a concentração total das pessoas sentadas ao seu redor. “Os textos tiveram que absorver, a partir da década de 60, recursos expressivos que conotassem uma impressão de realidade acústica, dando a sensação de naturalidade e espontaneidade do discurso improvisado, oral. A linguagem do radiojornalismo adquiriu então, outro ritmo. Sua musicalidade propiciou melhores condições para que o ouvinte absorvesse a mensagem e estabelecesse uma relação de significância em um meio que fala para um receptor disperso” (Baumworcel, 2001:110).

Entretanto, foram as mudanças políticas da década de 1960 que definiram os novos caminhos do rádio, este tornou-se um canal de “entretenimento, informações e serviços”. Calabre (2004, p.50) explica que “o governo militar investiu na integração televisiva do país e as emissoras foram adotando o modelo de rádios locais, com notícias e prestação de serviços, músicas gravadas e esportes, como no Slogan da rádio Globo, criada em dezembro de 1944: *Música, esporte e notícia*”.

Em 2 de setembro de 1961 todas as emissoras oficiais ou particulares, foram proibidas de transmitir seus noticiários sem autorização prévia, era o Serviço de Censura Militar, instalado durante o Governo de João Goulart. Além de impedir a divulgação de informações, a censura à imprensa prende e tortura profissionais, fecha emissoras e paralisa o desenvolvimento técnico, comprometendo principalmente as empresas jornalísticas.

Ainda neste governo criou-se o primeiro Código Brasileiro de Telecomunicações, pela Lei Federal nº 4.117, aprovado em 27 de novembro de 1962⁴. O texto instituía o Sistema Nacional de Telecomunicações e por consequência, definia as relações entre poderes concedente e concessionário no campo da radiodifusão. No entanto, o Decreto Lei nº 236 de 1964 (considerado o AI-5 das telecomunicações brasileiras) modifica o código dando ao governo instrumentos para a cassação⁵ dos direitos adquiridos pelos proprietários de emissoras em 1962 e aumentando as punições.

Sem liberdade para veicular notícias e pressionados pela fiscalização dos censores, os jornalistas procuram outras maneiras de transmitir as informações. Para Baumworcel (2001:111) a crescente utilização das sonoras nas reportagens radiofônicas representou “uma forma possível de se fazer ouvir outras vozes numa época de liberdade limitada”. Embora a autora também acredite que apesar do avanço para a linguagem e para a democratização e comprovação de fontes, as sonoras ampliaram o controle da informação, através dos processos de edição.

⁴ Mesma data da criação da ABERT (Associação Brasileira de Emissoras de Rádio e Televisão) pelos concessionários, que se mobilizam pelo veto do projeto.

⁵ Entre as emissoras que tiveram seus transmissores lacrados e suas concessões cassadas estão a *Mayrink Veiga* fechada em 1965 e a *Rádio Nove de Julho* pertencente à Arquidiocese de São Paulo, em 1973.

Em 1970, durante o governo do General Emilio Médici, o quadro da radiodifusão brasileira se altera com as transmissões comerciais regulares em frequência modulada. Ferraretto (2001) afirma que

(...) Seguindo a tendência verificada após o final do rádio espetáculo, as estações de amplitude modulada concentram-se no jornalismo, nas coberturas esportivas e na prestação de serviços a população. (...) Nas FMs, predomina a música. Inicia um processo de divisão do público que vai se consolidar nos anos 80. (FERRARETO, 2001, p. 155)

Klöckner (2006, p.79) acrescenta que entre as décadas de 60 e 70, “os primeiros gravadores de fita cassete melhoram e ampliam o fazer do repórter e os telefones conferem ao veículo maior participação da audiência”.

c) Década de 1980 – Jornalismo como opção para as emissoras AM.

Com o término do regime militar as empresas de comunicação ampliam seus investimentos na produção de conteúdos especializados. A segmentação se coloca como alternativa para conquistar o ouvinte e o mercado publicitário.

“Este submodelo se baseia, portanto, em uma sábia combinação de conteúdos hiperespecializados – tanto os essencialmente musicais como os de palavra ou mesclados -, em uma fórmula de programação bastante precisa e um estilo de realização e apresentação muito concretos. O objetivo final é conseguir uma fácil identificação por parte da audiência e uma clara diferenciação frente aos formatos concorrentes em um mesmo mercado” (MARTÍ, 2004: 35)

O avanço tecnológico também possui papel determinante neste período. Moreira (2002) elege quatro recursos técnicos que contribuíram para melhorar a qualidade do som. São eles

(...) o transmissor-receptor (sistema de áudio em duas vias, que permitiu ao repórter entrar no ar direto e ao vivo ou conversar com âncoras e

entrevistados); a extensão de baixa frequência para telefone (acoplada ao telefone, aumentava a potência de transmissão e permitia que o sinal chegasse mais forte ao estúdio); os satélites (que passaram a ser cada vez mais usados na transmissão em redes); e o compact disc, o CD, apresentado ao mundo pela empresa holandesa Philips em 1979. Em um pouco mais de dez anos o CD substituiu as fitas magnéticas e os discos de vinil e contribuiu de forma decisiva para a melhoria na qualidade sonora das emissoras de rádio e dos aparelhos de som domésticos (...) (MOREIRA, 2002, p.97)

Contudo, Meditsch (2001, p.122) alerta sobre a necessidade de considerar que “a introdução de novas tecnologias tem impacto não apenas sobre a produção, mas também sobre o produto, enquanto tal, e sua situação no mercado”.

Dentre os avanços acima citados destacamos o transmissor-receptor. Baumworcel (2001, p. 112) afirma que “o imprevisto e o jornalismo direto da rua trouxeram, mais uma vez, vida ao rádio” após o estabelecimento das regras que aprisionaram a espontaneidade do discurso. Contudo, para a autora estas mesmas regras “facilitaram a linearidade do pensamento e a compreensão da mensagem”.

Da mesma maneira, a formação de redes influenciou diretamente na linguagem. Com a possibilidade de ampliação do público, mas com a responsabilidade de diversificação da cobertura, o rádio precisou simplificar ainda mais sua linguagem, sem perder em conteúdo. Os critérios de noticiabilidade também se alteraram.

A Rádio Bandeirantes de São Paulo foi pioneira ao estruturar e consolidar sua rede de radiodifusão sonora via satélite. O Sistema Band Sat AM começou a operar oficialmente em 1989. Dois anos mais tarde a CBN iniciou suas transmissões com o slogan “A rádio que toca notícia”. A Jovem Pan entrou em rede em junho de 1994.

Apesar da concentração, o radiojornalismo não esteve presente apenas nas emissoras paulistas. No Rio Grande do Sul merecem destaque duas outras redes a *Gaúcha Sat* e a sua concorrente *Guaíba Sat*.

Mais recente, a BandNews FM, inaugurada em maio de 2005, vai ao ar como primeira rede jornalística a transmitir totalmente em frequência modulada. Sua

programação *all news* segue o modelo adotado desde a década de 60 pelas emissoras norte-americanas WNUS-AM e WINS-AM. Ortriwano (1990) explica que

Ao se transformar em emissora all news, os locutores da WINS se revezavam a cada meia hora e 21 repórteres circulavam por Nova Iorque com viaturas de reportagens dotadas de transmissores FM. Além disso, a WINS contava com correspondentes em varias partes do mundo, ligados à rede de comunicação Westinghouse (a quem pertence a WINS) e acesso aos serviços das principais agências noticiosas. (ORTRIWANO, 1990, p.87)

A autora acrescenta que a WINS transmitia ao ouvinte inclusive os processos de apuração das notícias transformando o jornalismo em um “verdadeiro show ao vivo em que o repórter era um participante ativo no palco da ação” (ORTRIWANO, 1990, p.88).

Entretanto como coloca Moreno (2004, p.135) o pioneirismo do modelo foi da emissora mexicana XETRA de Tijuana em 1961, seguida pelas européias France Info em 1987 e Catalunya Informació em 1992. No Brasil outras tentativas foram realizadas, inicialmente, pela rádio Jornal do Brasil AM, em maio de 80. Moreira (1987, p.113-116) coloca que após seis anos de tentativa a emissora optou por “fazer o que pode ser chamado de “*all news* amenizado””, concentrando o conteúdo noticioso nos horários nobres. Embora concentre sua programação na veiculação de notícias, a Rede CBN também abandonou a rigidez do formato e hoje transmite jogos de futebol e programas *talk*⁶.

Entre as desvantagens do fluxo gerado na programação *all news* está a organização desta produção em “um fluxo constituído da repetição de uma unidade informativa” (FENATTI, 1993, p.85). Baumworcel (2001, p.112) coloca que este modelo vem alterando os conceitos de noticiabilidade e pode cansar o ouvinte que dedicar um pouco mais de tempo a escuta daquela emissora. Embora, também represente a alteração no papel do ouvinte, “a lógica do agendamento de compromisso com hora marcada (pegue agora ou

⁶ A CBN se coloca como primeira emissora *all news* do país. Ver TAVARES, Mariza e FARIA, Giovanni (orgs.) **CBN a rádio que toca notícia**. Rio de Janeiro: Senac Rio, 2006. Contudo, existe ainda a necessidade de conceituação do modelo *all news*, posto que este se relaciona a outros conceitos como o de notícia. A divergência está principalmente na consideração de *news* como a informação pura e simples ou como padrão estrutural pré-estabelecido pela linguagem dos meios de comunicação.

largue para sempre) é substituída pela lógica da disponibilização permanente do enunciado sem começo nem fim (pegue quando quiser), cedendo ao pólo da recepção o poder de determinar os limites temporais da comunicação” (MEDITSCH, 2001b, p.199).

Essa mudança parece mais evidente no modelo adotado pela BandNews FM, que sob o slogan “*em vinte minutos, tudo pode mudar*”, transmite noticiários em ciclos de 20 minutos, continuamente, totalizando 72 entradas diárias, com alguns breaks distribuídos entre os ciclos programados e repórteres locais participando de giros nacionais. Os espaços para produção local ocorrem entre 9:00h e 10:00h e entre 18:00h e 18:40h com exceção da emissora brasileira, que possui três aberturas, das 9:00h às 11:00h, das 12:00h às 13:00h e das 18:00h às 19:00h.

O formato adotado pela rede permite que a programação seja organizada em fluxo, com conteúdos seqüenciados. Williams (1990, p.93) explica que isso demanda a “substituição de uma série de programas de unidades de temporização seqüencial por uma série de fluxo de diferentes unidades relacionadas em que a verdadeira organização interna não é declarada”, de maneira que o ouvinte não sente a quebra de ritmo entre os programas.

Além dos anteriormente citados, outros fatores de influência na linguagem radiofônica nestes últimos anos são a utilização da Internet como fonte de informação e suporte para disponibilização do conteúdo e a implantação da tecnologia digital. Del Bianco (2001, p.41) afirma que “essa mudança tecnológica tem implicações também na linguagem radiofônica e nos formatos dos programas. Uma das características do sinal digital é que se trata de linguagem que reúne diferentes dimensões comunicativas e, portanto, obriga o rádio a trabalhar com outros recursos diferentes, além do som e a modificar radicalmente seus modelos de funcionamento e de estruturação da produção”.

Considerações⁷

Assim, entendemos que o maior desafio do rádio nas próximas décadas é aprender a utilizar os recursos que advém das inovações tecnológicas, acompanhando a modificação nos hábitos de consumo dos meios, sem perder sua identidade. Também a convergência

⁷ A presente pesquisa faz parte da construção dos aportes teóricos da dissertação que está sendo desenvolvida pela autora, desta maneira, ainda não é possível desenvolver conclusões. Entretanto acreditamos que algumas considerações se fazem necessárias.

mediática, que se coloca como exigência para os veículos e profissionais, está alterando os processos de produção e os gêneros e formatos os produtos.

Até o momento os acertos e desacertos na busca de uma linguagem, que contemple as possibilidades do rádio enquanto meio informativo e valorize suas características, tem gerado a importação de modelos e intensificado a segmentação dos conteúdos.

Entretanto as inovações tecnológicas beneficiam não apenas a produção em grandes redes, as facilidades de acesso possibilitam o crescimento do número de rádios comunitárias, educativas e locais. Espaços, que apesar da falta de profissionalização, podem inovar na experimentação de formatos e conteúdos.

Sem a pretensão de arriscar previsões sobre o futuro do rádio ou do radiojornalismo, nem abarcar todo seu desenvolvimento histórico, tivemos como principal objetivo deste estudo identificar as problemáticas, os conceitos e os autores que posteriormente nos ajudarão a compreender o contexto e as particularidades da estrutura da notícia radiofônica produzida em rede com programação *all news* e organização em fluxo.

Referências Bibliográficas

ARNHEIM, Rudolf. O diferencial da cegueira: estar além dos limites dos corpos. IN: MEDITSCH, Eduardo. (org.). **Teorias do rádio**: textos e contextos – Vol I. Florianópolis: Insular, 2005.

BAHIA, Juarez. **Jornal, História e Técnica**: história da imprensa brasileira. São Paulo: Ática, 1990

BALSEBRE, Armand. A linguagem radiofônica. IN: MEDITSCH, Eduardo. (org.). **Teorias do rádio**: textos e contextos – Vol I. Florianópolis: Insular, 2005.

BAUMWORCEL, Ana. Radiojornalismo e sentido no novo milênio. IN: MOREIRA, Sonia Virgínia, DEL BIANCO, Nélia R. **Desafios do rádio no século XXI**. São Paulo: Intercom, Rio de Janeiro: UERJ, 2001.

CALABRE, Lia. **A Era do rádio**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004.

COSTELLA, A. F. **Comunicação do grito ao satélite**. São Paulo: Mantiqueira, 2001.

DEL BIANCO, Nélia. Cautela, riscos e incertezas na implantação do rádio digital no Brasil. IN: MOREIRA, Sonia Virgínia, DEL BIANCO, Nélia R. **Desafios do rádio no século XXI**. São Paulo: Intercom, Rio de Janeiro: UERJ, 2001.

DEL BIANCO, Nélia. **Radiojornalismo em Mutação**. Tese de Doutorado. São Paulo: ECA-USP, 2004.

FERRARETTO, Luiz Arthur. **Rádio**: o veículo, a história e a técnica. Porto Alegre: Editora Sagra Luzzatto, 2001.

HAYE, Ricardo. Sobre o discurso radiofônico. IN: MEDITSCH, Eduardo. (org.). **Teorias do rádio**: textos e contextos – Vol I. Florianópolis: Insular, 2005.

JACKS, Nilda. **Recepção radiofônica**: análise da produção acadêmica da década de 90. Intercom – Revista Brasileira de Ciências da Comunicação vol.29, n.1. São Paulo, 2006, p.85-105.

KLÖCKNER, Luciano. A edição radiofônica no Brasil: aspectos históricos e técnicos. IN: FELIPPI, Ângela, SOSTER, Demétrio de Azeredo e PICCININ, Fabiana (org.). Edição em Jornalismo: ensino, teoria e prática. Santa Cruz do Sul (RS): Editora da Unisc, 2006.

KLÖCKNER, Luciano. **Fora do ar**: o dia em que *o Repórter Esso* foi censurado. Disponível em: http://www.redealcar.jornalismo.ufsc.br/cd4/sonora/l_kloner.doc. Acesso em: 20 de fevereiro de 2008.

MARTÍ, Josep Maria M. La programación radiofónica. IN: MARTÍNEZ-COSTA, M^a Pilar e MORENO, Elsa M. (coords). **Programación radiofônica**. Barcelona: Ariel, 2004.

MARTÍNEZ-COSTA, M^a Pilar e MORENO, Elsa M. (coords). **Programación radiofônica**. Barcelona: Ariel, 2004.

MEDITSCH, Eduardo. (org.). **Teorias do rádio**: textos e contextos – Vol I. Florianópolis: Insular, 2005.

MEDITSCH, Eduardo. A nova era do rádio: discurso do radiojornalismo com produto intelectual eletrônico. IN: DEL BIANCO, Nélia e MOREIRA, Sonia V. (orgs). **Rádio no Brasil**: tendências e perspectivas. Rio de Janeiro e Brasília: EdUERJ e Editora da UnB, 1999. p.109-130

MEDITSCH, Eduardo. **O rádio na era da informação**: teoria e técnica do novo radiojornalismo. Florianópolis: Insular, Ed. da UFSC, 2001.

MEDITSCH, Eduardo. **Sete meias-verdades e um lamentável engano que prejudicam o entendimento da linguagem do radiojornalismo na era eletrônica**. Palestra à Licenciatura em Jornalismo da Universidade de Coimbra, 9 de Novembro de 1995. Disponível em <http://www.bocc.ubi.pt/pag/meditsch-eduardo-meias-verdades.pdf>, acessada em 15 de fevereiro de 2008.

MOREIRA, Sonia Virgínia. DEL BIANCO, Nélia R. (org.). **Desafios do rádio no século XXI**. São Paulo: Intercom, Rio de Janeiro: Uerj, 2001.

MOREIRA, Sonia Virgínia. Jornalismo na rádio jornal do Brasil. IN: ORTRIWANO, Gisela Swetlana (Org.). **Radiojornalismo no Brasil**: dez estudos regionais. São Paulo: Com-arte, 1987.

MOREIRA, Sonia Virgínia. **O rádio no Brasil**. Rio de Janeiro: Mil Palavras, 2000.

MOREIRA, Sonia Virgínia. **Rádio em Transição: tecnologia e Leis nos Estados Unidos e no Brasil**. Rio de Janeiro: Mil Palavras, 2002.

MORENO, Elsa M. La radio especializada: las técnicas de programación de la radio de formato cerrado. MARTÍNEZ-COSTA, M^a Pilar e MORENO, Elsa M. (coords). **Programación radiofónica**. Barcelona: Ariel, 2004.

ORTRIWANO, Gisela Swetlana (org.). **Radiojornalismo no Brasil**: dez estudos regionais. São Paulo: Com-Arte, 1987.

ORTRIWANO, Gisela Swetlana. **A informação no rádio**: os grupos de poder e a determinação dos conteúdos. São Paulo: Summus, 1985.

ORTRIWANO, Gisela Swetlana. **Os (des)caminhos do radiojornalismo**. Tese de Doutorado. São Paulo: ECA-USP, 1990.

PRADO, Emilio. **Estructura de la Informacion radiofonica**. Barcelona: Miltre, 1985

TAVARES, Mariza e FARIA, Giovanni (orgs.) **CBN a rádio que toca notícia**. Rio de Janeiro: Senac Rio, 2006.

WILLIAMS, Raymod. **Televison Technology and Ctural Form**. London: Routledge, 1990.